

## MEMÓRIAS DO HOSPITAL CRISTO REDENTOR E DO BAIRRO OPERÁRIO DE PORTO ALEGRE

Véra Lucia Maciel Barroso<sup>1</sup>

### Resumo

Em 1956 foi fundado o primeiro hospital da Zona Norte de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o Estado mais extremo do Brasil Meridional. O Hospital Cristo Redentor, que leva o nome do bairro, foi situado no bairro operário da cidade, à época em franca expansão industrial, cuja população carecia de assistência médico-hospitalar. Com sua instalação o bairro se expandiu e passou a se confundir com a área metropolitana da Grande Porto Alegre, de onde vem atualmente a grande maioria dos seus pacientes. Ao ensejo dos 50 anos da Instituição, em 2006, foi projetado registrar lembranças de funcionários que viveram a história do hospital, como também de moradores do bairro, além de religiosas que nele atuaram, bem como de familiares dos fundadores. Foram gravadas e transcritas 106 entrevistas através da aplicação da Metodologia da História Oral. Uma obra foi organizada e publicada com fragmentos das entrevistas. Mais que revelar esquecimentos ou silêncios, ela promoveu desvendamentos de ações impostas pela ditadura militar no Brasil pós 1964. A história do Cristo Redentor, antes tema-tabu na comunidade regional, com as memórias reveladas através desse projeto desenvolvido, ela se põe e se impõe com respeito e reconhecimento no presente, de que a história tem um compromisso com a memória, e sem dúvida uma dívida em relação às vítimas da história. A comunicação a ser apresentada tem por objetivo revelar como foi aplicada a metodologia da História Oral, bem como apontar os limites e as potencialidades que as fontes orais produzidas pelo projeto oferecem aos que as compulsarem no Memorial do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), do qual o Hospital Cristo Redentor faz parte. O projeto foi desenvolvido no ano de 2006 e estendido a 2007, para a reedição da obra, com a participação de seis acadêmicas de História da FAPA, bolsistas do GHC, sob a coordenação das professoras Ana Inez Klein e Véra Lucia Maciel Barroso.

### Introdução

O texto, em apresentação, tem por objetivo revelar a trajetória de trabalho empreendido, através da aplicação da Metodologia da História Oral, junto ao Grupo Hospitalar Conceição (GHC), uma rede de hospitais situado na Zona Norte de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul/Brasil.

O projeto realizado pelo Departamento de História da Faculdade Porto-Alegrense/FAPA mobilizou seis acadêmicas do Curso<sup>2</sup> e dois de seus professores<sup>3</sup>. O pedido foi: fazer um registro de memórias orais com depoentes que acompanharam a trajetória do Hospital Cristo Redentor e constituir as bases para a criação do Memorial do GHC

---

<sup>1</sup> Doutora em História, Professora da FAPA-Faculdade Porto-Alegrense e Historiógrafa do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre-CHC. E-mail: verabarroso@terra.com.br

<sup>2</sup> Camila Geraldo Bairros, Edna Ribeiro de Ávila, Juliana Mohr dos Santos, Natacha Stanislawa Petkovicz, Viviane Daubermann Dapper e Viviane E. R. Ângelo.

<sup>3</sup> Ana Inez Klein e Véra Lucia Maciel Barroso.

Efetivamente em 2006, por ocasião do cinquentenário do Hospital Cristo Redentor (HCR), o primeiro do GHC, foi então projetada e executada uma pesquisa com registros de memórias acerca do empreendimento hospitalar que impulsionou, de forma decisiva, a expansão da Zona Norte da cidade.

Na oportunidade da comemoração, o sentido do trabalho ensejava o desvendamento da história da criação e encampação do hospital pelo governo federal, durante o regime de exceção que o Brasil viveu entre 1964 e 1985. De outro lado, a intenção se firmava na busca de identificação dos seus funcionários com a história do HCR, da qual eles são participantes. Este projeto, portanto, com esse duplo objetivo, visou proporcionar a auto-estima e a valorização dos que atuam na Instituição e sua relação de pertencimento a ela, bem como buscar explicações de passagens obscuras de sua trajetória.

A expressão visilizada desse projeto seria o lançamento de uma obra com o registro de memórias, o que se concretizou por ocasião dos atos alusivos aos 50 anos do hospital.

A obra *Memórias do Hospital Cristo Redentor: 50 anos*, com 464 páginas, reúne fragmentos de 106 entrevistas, realizadas, transcritas e trabalhadas em oito meses, tempo a que a equipe voltou-se com afinco para viabilizar o projeto, cujos resultados colhidos foram muito positivos.

A intenção, em seguimento, é revelar os caminhos percorridos, apontando-se os limites e os acertos no trabalho desenvolvido, destacando-se como foi importante produzir um livro comemorativo, em que os atores da história se transformaram em autores da sua obra.

## **O hospital**

O Hospital Cristo Redentor foi idealizado no final da década de 1950.

Jahyr Boeira de Almeida, com formação de ensino médio, após fazer um curso prático de enfermagem, abriu a primeira farmácia 24 horas da cidade, na zona norte da Capital. Algo inédito para os idos tempos dos anos 1950. Visibilizando a expansão da cidade, naquela direção, em área de bairro operário, com a industrialização em franco desenvolvimento, aliou-se a um médico – Dr. Telmo Kruse, e a um industrial bem sucedido – Eliziário Goulart da Silva, fabricante de carrocerias, situado no bairro, para juntos empreenderem a criação do primeiro hospital da zona norte de Porto Alegre.

Conforme o Prof. Dr. Telmo Bonamigo:

O Hospital Cristo Redentor na época inicial era muito pequeno, porque tinha se programado para atender uma pequena comunidade emergente. Seguramente o Prof. Telmo Kruse, juntamente com o Dr. Raul Seibel, que tinham consultórios naquela zona, sabiam que ali haveria oportunidade de crescimento. Era uma zona industrial com grande número de indústrias, maiores ou menores e com um grande número de operários. Aquelas pessoas precisariam de atendimento médico, mais cedo ou mais tarde. Haveria ali uma demanda importante por assistência médica.<sup>4</sup>

A escuta dos depoimentos registrados impressiona pelas referências unânimes dirigidas ao idealizador do HCR. Dotado de genialidade monumental seria Jahyr Boeira de Almeida, um futurista, ao criar o Hospital Cristo Redentor, que adicionado a um conjunto de hospitais, o Hospital Nossa Senhora da Conceição, o Hospital Criança Conceição e depois o Hospital Fêmeina, vieram a constituir o Grupo Hospital Conceição. Ou seja, tratava-se de um verdadeiro visionário: “O Jahyr Boeira de Almeida visualizou que a cidade ia crescer para o norte e construiu o Cristo e o Conceição”.<sup>5</sup>

Para sua filha,

O seu sucesso na administração se deve, em primeiro lugar, ao seu profundo conhecimento em toda a área hospitalar. Para reduzir custos, o hospital contava com os seguintes setores: Marcenaria, Serralheria, Estofaria, Setor de Manutenção e Produtos Eletroeletrônicos, Confecção de Uniformes e Rouparia Hospitalar, Padaria e Granja para o fornecimento de frutas e verduras.<sup>6</sup>

Entretanto, a história de sucesso hospitalar, iniciada em 1956, sobretudo a partir de sua inauguração em 1959, revelará um penoso rumo na década de 1970.

Vivia-se o tempo da exceção, com o regime de terror instalado no Brasil. Ele se impôs também no complexo hospitalar bem sucedido do Sr. Jahyr.

Estávamos no meio de um Regime Militar, coisa que todos os brasileiros devem saber. Um dia o Jahyr foi acusado de superfaturamento, ou alguma coisa assim, e os Hospitais foram encampados pelo Governo Militar imediatamente. Obviamente mudaram as administrações, vieram administradores militares. Entre eles aqui chegou um Capitão de Fragata, o Dr. Barroso, que foi superintendente do Grupo Hospitalar Conceição. A partir daí mudou o ambiente dentro do HCR e começou a haver delações. Havia delatores. As acusações, os medos, os temores, desagregaram a unificação que se tinha antes. O grupo começou a se desunir, quiçá porque cada um começou a pensar primeiro em si mesmo, para proteger-se.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Depoimento de Telmo Bonamigo concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 08 de maio de 2006. Transcrito por Juliana Mohr dos Santos.

<sup>5</sup> Depoimento de Fernando Weber da Silva Matos concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 30 de março de 2006. Transcrito por Viviane Daubermann Dapper.

<sup>6</sup> Depoimento de Janir Maria de Almeida Lucchese concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 09 de março de 2006. Transcrito por Camila Geraldo Bairros.

<sup>7</sup> Depoimento de Tito Benedicto Chacón concedido a Camila Geraldo Bairros em 16 de fevereiro de 2006. Transcrito por Camila Geraldo Bairros.

A imprensa falada e escrita deu, à época, ampla cobertura ao caso. O resultado desse processo foi a tomada do complexo hospitalar pelo governo federal, através de intervenção, com o afastamento de Jahyr e sua família, administradores dos hospitais.

Meses após, o “homem do escândalo do Conceição” veio a morrer de forma trágica: afogado em lagoa situada próxima a Porto Alegre, quando pescava, seu lazer preferido.

Algumas hipóteses foram construídas para explicar seu desaparecimento, vindo a se constituir na passagem do tempo, em tema tabu, nunca resolvido no imaginário popular.

Nos anos 1990, o complexo hospitalar que Jahyr criara em bairro operário reassume sua identidade.

Ser um Hospital 100% SUS é um desafio. Acho que é uma missão importante para o conjunto de trabalhadores e também um benefício para a população. Na verdade, o Cristo é chamado de “Pronto-Socorro da Zona Norte”. Não só da Zona Norte. Ele está na Zona Norte, mas ele é de toda a área metropolitana norte. É, principalmente, importante para a zona litorânea.<sup>8</sup>

O Grupo Conceição constitui-se hoje, no maior complexo hospitalar do Rio Grande do Sul, e o único que atua exclusivamente para o Sistema Único de Saúde (SUS) no Estado. Sua trajetória, iniciada há cinquenta anos, com o Hospital Cristo Redentor, teve sua ampliação e consolidação com o estabelecimento do Hospital Conceição. Da zona Norte da Capital ao centro da cidade, o grupo de hospitais de seu fundador Jahyr Boeira de Almeida ganhou dimensão e respeito até 1975, quando ocorreu a desapropriação. Sem dúvida alguma, a implantação desse grupo hospitalar promoveu o desenvolvimento e a expansão da Zona Norte de Porto Alegre. Pode dizer-se que suas histórias são indissociáveis. E esse reconhecimento se firmou e se consolidou na nova fase do Grupo Hospitalar, e isto é visível pelo imaginário popular revelado, impondo-se o registro dessa associação. A responsabilidade social promovida não só no espaço vital de sua atuação mais direta, se expandiu além região metropolitana, se constituindo em instituição constitutiva da promoção da saúde pública no cenário de nosso Estado.

Revelar, dar a conhecer essas relações e tramas que entrelaçam espaços e tempos da história construída pelo Grupo Hospitalar Conceição impõe-se em continuidade ao trabalho iniciado com a pesquisa e obra lançada sobre o primeiro hospital do Grupo, o Cristo Redentor.

---

<sup>8</sup> Depoimento de Elizabeth Susana Wartchow concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 03 de maio de 2006. Transcrito por Edna de Ávila Ribeiro.

## **Caminho percorrido**

O tempo para o “desvendamento” era escasso, curto mesmo, diante das possibilidades que descortinavam um leque amplo de depoentes, face o limite posto para o término do trabalho.

Em janeiro de 2006, a equipe iniciou a implementação do projeto, com vistas a percorrer três encaminhamentos: a) pesquisa histórica em vários suportes documentais sobre o nascimento e vivências de trabalho no Hospital Cristo Redentor, ao longo de 50 anos. Aqui se inclui a produção de histórias orais com depoentes que tenham tido, ou ainda tenham vínculo com a Instituição. Este levantamento histórico constitui uma base de dados que foi informatizada para ficar acessível no futuro memorial; b) produção de uma publicação com texto e imagens sobre a trajetória do hospital, com lançamento na semana dos festejos do aniversário; c) produção de uma exposição com acervo arquivístico e museológico (um memorial temporário) aberta ao público na referida semana comemorativa.

Para tanto foram percorridos os seguintes passos:

- identificação dos espaços físicos do hospital e do corpo funcional do HCR;
- leitura e análise do Livro Tombo da Instituição para recolha de possíveis dados;
- busca e identificação de fontes documentais existentes no acervo institucional;
- contato com funcionários e vizinhos do bairro, apontados aleatoriamente para a recolha de informações relativas ao HCR;
- leitura e seleção de taxações arquivadas na Biblioteca do GHC;
- levantamento de informações e imagens da imprensa, através das publicações arquivadas na hemeroteca do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa;
- pesquisa no acervo bibliográfico da Biblioteca Pública do Estado;
- divulgação do projeto para os funcionários e direções do HCR e demais hospitais do Complexo;
- identificação, escolha, localização e contato com os depoentes para a produção de fontes orais;
- realização das entrevistas com as pessoas indicadas e interessadas em contribuir com a pesquisa;
- transcrição das entrevistas gravadas;
- revisão dos textos transcritos em rodízio entre os estagiários do projeto e os coordenadores do projeto;
- contato com os depoentes para revisão das entrevistas transcritas e assinatura da carta de cessão do depoimento para o acervo do futuro Memorial do Grupo Hospitalar Conceição. Havendo observações a fazer, assinaladas pelo (s) depoente (s), após as correções, ocorre o retorno com o depoente e, finalmente, a assinatura da carta de cessão;
- leitura dos depoimentos pelas coordenadoras do projeto, para a seleção de extratos de cada uma delas para compor a obra a ser publicada.
- localização de bens móveis para recolha, com vistas à criação do Memorial do GHC.

Para o êxito do projeto tinha que haver uma sensibilização, uma motivação e uma relação de pertencimento dos que trabalham ou trabalharam no hospital, para que se pudesse realizar os registros de História Oral. Afinal, quem faz a história são as pessoas, com o seu trabalho, com suas relações construídas para que a Instituição se movimente e produza sua finalidade, atendendo às expectativas dos que a procuram.

Inicialmente o recorte foi dirigido para 50 depoimentos, apresentando-se ao depoente um roteiro aberto. Entretanto, à medida que o projeto foi sendo divulgado e a sua apropriação ocorrendo nos espaços hospitalares e no bairro, houve um interesse muito expressivo de oferta de depoimentos. O número total de 106 entrevistas, algumas com mais de duas horas, por interesse pessoal do depoimento em detalhar seu conhecimento sobre as vivências do HCR, sinalizou uma dificuldade de sistematização do trabalho, diante do volume gigantesco de transcrições. Afinal trata-se de um trabalho penoso, para lá de cuidadoso.

Finalizadas as transcrições, revisões com os depoentes e correções com cartas de cessão assinadas, a etapa da editoração da obra foi outro difícil desafio.

### **Desvendamento em obra**

Vozes do passado foram ouvidas, escutadas e divulgadas às gerações do presente. Mais que isso, registradas para comemorar, mas, sobretudo, para desvendar um mito: Jahyr Boeira de Almeida, personagem idealizador do HCR, a que a ditadura militar implantada no Brasil atingiu, na capital gaúcha, deixando sobre ele pairar mistérios, não explicados, ainda que passados 30 anos.

A obra *Memórias do Hospital Cristo Redentor: 50 anos* se divide em duas partes. A primeira intitula-se *Cristo Redentor – pioneirismo hospitalar na Zona Norte de Porto Alegre: da fundação à desapropriação (1956-1975)*. Nela, as entrevistas com os familiares do idealizador mostram bem como estiveram integrados ao empreendedor: “Todas as minhas irmãs trabalhavam nos hospitais: a Janir no Cristo, a Janilde no Conceição e a Janice no Fêmina e eu, mesmo pequena, gostava de trabalhar no supermercado, durante as férias.”<sup>9</sup>

Chama a atenção, como os familiares não só de Jahyr Boeira de Almeida, como também os descendentes de seus sócios, revelam silêncios, receios e esquecimentos face à travessia difícil que tiveram que enfrentar de vários significados.

---

<sup>9</sup> Depoimento de Maria Janilce Bosquirolí Almeida concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 17 de agosto de 2006. Transcrito por Edna Ribeiro de Ávila.

Com a desapropriação em 1975 e o falecimento do meu pai em 1976, iniciamos um doloroso processo de reconstrução de nossas vidas. Temos que agradecer a muitas pessoas que contribuíram para a realização de um grande sonho idealizado por ele e que se tornou uma importante realidade para a Zona Norte.<sup>10</sup>

Admiração e busca de entendimento da história vivida também dá o tom das lembranças.

Do período de março de 1965, ao nascer, no Hospital Cristo Redentor, até a “tentativa de explicação” de sua morte, minhas lembranças de fatos da vida profissional de meu pai se misturam com os relatos de amigos e familiares. Aos 10 anos já havia perdido meu pai, [...].

Resta a mim, então, tentar dimensionar o carinho e o exemplo de vida que tive nos curtos dez anos de convívio com meu pai. A fórmula é simples: procuro imaginar o tamanho da coragem para realizar uma obra como o Grupo Hospitalar Conceição, há cinqüenta anos. Imagino o tamanho do orgulho dos tantos amigos que com ele conviveram. Imagino o tamanho do respeito e dos valores que passou aos que trabalharam com ele e até o tamanho da inveja que gerou a algum desafeto.<sup>11</sup>

Ainda a primeira parte apresenta depoimentos de irmãs scalabrianianas que atuaram no hospital até a sua desapropriação, bem como lembranças de trabalhadores em diferentes áreas, até 1975, ao tempo de Jahyr Boeira de Almeida.

Na segunda parte, os diretores do Hospital Cristo Redentor registraram suas lembranças até o presente (1975-2006), seguido de registros de memórias de funcionários desse período, bem como de moradores do bairro Cristo Redentor.

A obra, na verdade, é uma coletânea de fragmentos dos depoimentos gravados, cuja tiragem de 5.000 exemplares está nas mãos dos seus autores e muitos dos seus atores, como possibilidade de se reconhecerem no processo e a ele pertencentes face à projeção do futuro do hospital onde trabalham diariamente.

## **Considerações finais**

Ninguém ama o que não conhece. E ninguém reconhece o que não conhece.

Ao ensejo do aniversário do cinqüentenário do HCR era imperioso que os funcionários, chefias, direção, a comunidade do bairro, do entorno do hospital e a própria comunidade porto-alegrense se apropriassem da história do primeiro hospital do bairro, que é referência na rede hospitalar da cidade de Porto Alegre.

Entretanto, eis que já era tempo de rever o passado e fazer-se justiça a quem projetou o primeiro hospital do Grupo Conceição, que atualmente reúne cerca de 6.000

---

<sup>10</sup> Depoimento de Maria Janice Almeida Kruse concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 21 de agosto de 2006. Transcrito por Edna Ribeiro de Ávila.

<sup>11</sup> Depoimento de Jahyr Boeira de Almeida Júnior concedido a Véra Lucia Maciel Barroso em 17 de agosto de 2006. Transcrito por Véra Lucia Maciel Barroso.

funcionários. Inegavelmente, a história deve, sobretudo, cumprir esse papel: o de justificar. Para isso há que se tirar o véu e (des)cobrir a realidade. Eis a memória como testemunha a reverenciar-lhe. Para tanto, a trilha projetada para festejar “o aniversariante: o hospital” foi a aplicação da Metodologia da História Oral. Afinal, grande parcela dos atores está lá ou em seu entorno, já aposentados, mas com lembranças vivas e dados para ofertar.

As palavras, não só dos familiares, muito disseram, revelando também emoções e sofrimentos. Mas, sobretudo, elas revelaram escaninhos escondidos que foram iluminados, e, ao ganharem conhecimento viabilizaram a explicação do movimento da história. Assim desvendamentos esquadriharam um outro cenário do tempo passado do Hospital Cristo Redentor.

Como destaca Montenegro, apontando a contribuição de Beatriz Sarlo, em seu livro *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo* (2005), “[...] a memória deve servir à compreensão e não apenas à rememoração.”<sup>12</sup>

As fontes orais produzidas com o projeto realizado, diante da inexistência de fontes escritas sobre o objeto de estudo (contando-se apenas com reportagens de jornais locais e regionais), permitiram desvendar muito da história do Hospital Cristo Redentor. As evidências do real apareceram nítidas, claras e concretas, animadas, sobretudo pela possibilidade que tem o historiador do presente, de poder fazer a arqueologia da memória coletiva, graças às testemunhas que interroga. E o traço mais significativo da memória coletiva é a organização ativa das experiências vividas.

Eis a riqueza dessa operação feita a partir das memórias individuais para a arqueologia da memória coletiva do cenário do Hospital Cristo Redentor. Assim, conforme Paul Thompson, se devolveu às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

Toynbee, a propósito afirmou:

O conhecimento pessoal dos fatos é de tamanha valia que se torna necessário que a História comece a ser escrita pelos que participaram dela. A ação do tempo, o enfoque da perspectiva, o amadurecimento dos homens possibilitarão, sem dúvida, uma revisão proveitosa. E, exatamente porque o estudo da História é a sua revisão constante, ela precisa começar a ser escrita pelos seus protagonistas. Faz muito tempo que os homens se convenceram de que o presente é também História.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1. jan.-jun. 2007. p. 33.

<sup>13</sup> Apud EW, Atelaine M. Normann (Coord.). *Nós e a legalidade: depoimentos*. Porto Alegre: IEL/AGE, 1991. p. 142.